

economia Brasil **Convite à desordem**

3 AGO 1983

Desde o momento em que o Governo decidiu recorrer a medidas amargas para enfrentar a crise econômico-financeira, crescem as tensões sociais entre as classes mais desafortunadas. A ebulição se justifica porque a própria essência dessas providências desarruma certos e estratégicos pontos das relações de equilíbrio social. Com elas, as ofertas no mercado de trabalho, para onde se encaminham 1,8 milhão de brasileiros anualmente, caíram de modo veloz, chegando a níveis muito baixos. Ao mesmo tempo, as taxas de desemprego aumentaram na linha de uma grandeza jamais ocorrida no país. A fome passou a rondar os lares de milhares de trabalhadores.

Enquanto isso, a inflação reduz o poder aquisitivo dos salários, agora submetidos a reajustamentos inferiores à expansão dos preços no mercado de gêneros de primeira necessidade. Trata-se, aqui, também, de importante complicador na formação desse estado de angústia nacional, onde latejam graves inquietações de revolta. As instituições do poder e a sociedade em geral estão conscientes da existência dessa patologia social, em função da qual o Governo procura adotar medidas colaterais capazes de atenuar os efeitos da crise.

Se a situação, na realidade, é destas que prodigalizam preocupações na área governamental e entre as lideranças responsáveis do país, mais grave ficará se o medo e o desespero tomarem conta das autoridades públicas. É uma constatação óbvia, lamentavelmente ainda fora das cogitações do Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Manoel Pedro Pimentel. Pois ele simplesmente afirma que está sentado

em cima de um barril de pólvora e que é inevitável a convulsão social no Estado. E comparou São Paulo a "um gigante cego conduzido por uma criança".

Ora, quando o próprio agente do Estado encarregado de promover a segurança pública faz previsões catastróficas desse porte todos têm o direito de imaginar que a situação seja ainda muito pior. E as forças latentes da inconformidade pública se sentem psicologicamente emuladas para reagir na linha da violência profetizada pelo Secretário de Segurança paulista. De um lado, a autoridade pública instila o pavor no meio da população e, de outro, estimula o desencadeamento da desordem, extremos de uma situação social que, combinados, constituem as águas revoltas para mover os moinhos da convulsão social.

Esse auxiliar do Governador Franco Montoro, ao produzir avaliações sinistras sobre a situação social, parece clamar ao Governo da União pela intervenção federal no Estado. É lógico, se São Paulo, o mais próspero estado da federação, se confessa incapaz de controlar eventuais manifestações de desordem — como crê o seu Secretário de Segurança — é sinal de que a incompetência instalou-se no poder estadual e, por isso mesmo, urge ser arredada.

Preferível é acreditar, porém, que as sombrias antevisões desse auxiliar de Montoro, sejam apenas demonstrações de certa imaturidade para o exercício do cargo, para não dizer que ele atua com irresponsabilidade. Montoro, contudo, deve adotar as providências para corrigir o destempero de seu Secretário de Segurança.